

QUAL É O SOM? – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE OFICINA INTERDISCIPLINAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Clarice Lehnen Wolff¹

Virgínia Dornelles Baum²

Fernanda Lanhi³

Tâmis Gorbing Bastarrica⁴

Resumo: as demandas no ensino da linguagem escrita observadas pela professora de uma turma de terceiro ano do EF desencadearam a proposta deste trabalho, que envolveu uma equipe interdisciplinar (Pedagogia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia): cerca de um terço da turma realizava trocas de grafemas que representam os fonemas surdos e sonoros. Esta observação, aliada a outras dificuldades na aprendizagem de determinados alunos gerou uma proposta inovadora na escola, que possibilitou um horário de oficina durante o período escolar ao grupo identificado como o que necessitava retomar aspectos de codificação da linguagem escrita, bem como sua relação com o processo de aprendizagem da língua. Dessa forma, as atividades planejadas objetivaram, como apoio ao processo pedagógico, estimular a reflexão sobre a linguagem oral, a leitura e a escrita. O grupo foi convidado a participar de uma oficina - na escola há uma cultura bem desenvolvida deste tipo de atividade com objetivos lúdico-pedagógicos em grupos - sendo combinado que ao final levariam à turma sua produção. Houve a preocupação de promover-se a cooperação no grupo, com a escuta das ideias dos colegas e das ministrantes, bem como com a compreensão dos objetivos e das regras das atividades. Esta oficina foi realizada com nove alunos, em doze encontros semanais de cerca de uma hora de duração. O direcionamento das atividades foi feito pela equipe, enquanto a professora seguia em sala de aula com os demais alunos. Nesta, foi reservado um espaço do mural para o grupo da oficina e a professora mantinha o diálogo com eles sobre as atividades realizadas. As propostas trabalhadas tiveram uma ordem crescente de complexidade na aproximação com os fonemas e suas representações escritas. Os resultados superaram as expectativas, tanto no tratamento dado à relação fonema/grafema, quanto: pela consciência da linguagem oral/escrita que foi gerada; pelo aumento do nível de atenção observado no grupo; pela escrita textual espontânea por alunos resistentes a esse tipo de atividade; pela ressignificação da aprendizagem possibilitada, o que se refletiu na expressão de linguagem dos alunos e no seu maior comprometimento com o processo de escolarização.

Palavras-chave: aprendizagem. Oficina de linguagem. Interdisciplinaridade.

APRESENTAÇÃO

A experiência desenvolvida no Colégio de Aplicação da UFRGS aqui relatada destaca a importância da interdisciplinaridade na escola na busca de caminhos na qualificação da aprendizagem dos alunos. As demandas trazidas pela professora a uma parte da equipe escolar, no caso uma psicopedagoga e uma fonoaudióloga, foram transformadas em um projeto que possibilitou uma intervenção *durante* o processo de aprendizagem escolar, integrada aos objetivos pedagógicos, enfocando aspectos específicos de trabalho junto a um determinado grupo de alunos. Esta oficina,

¹ Doutoranda em Linguística pelo PPGL-PUCRS; fonoaudióloga do Curso de Fonoaudiologia da UFRGS; clarice.lewolff@gmail.com

² Mestranda em Educação - PPGEDU-PUCRS; técnica em assuntos educacionais do Colégio de Aplicação UFRGS; vvbaum@gmail.com

³ Mestre em Educação - PPGEDU/FACED/ UFRGS; professora dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação UFRGS; fernanda.lanhi@gmail.com

⁴ Fonoaudióloga; participante de projeto de extensão da Fonoaudiologia no Colégio de Aplicação UFRGS; tgorbing@hotmail.com

desenvolvida em doze encontros, possibilitou resgatar com este grupo aspectos defasados da sua aprendizagem no que tange às relações entre oralidade e escrita.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

O Colégio de Aplicação situa-se no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, sendo a unidade de Educação Básica desta instituição. Atende alunos que ingressam via sorteio público, portanto, alunos de condição socioeconômica variada, com turmas de EF até EM. A creche da universidade está sendo integrada ao colégio neste ano, sendo que esta unidade fica no Campus da Saúde da mesma. Os professores que atuam na escola possuem formação em nível de pós-graduação, e contam, no seu dia a dia, com uma equipe formada por orientadores educacionais, assistentes sociais, fonoaudióloga, psicopedagoga, psicóloga, nutricionista. Quanto à proposta escolar, destacamos do site da escola este trecho que identifica sua perspectiva histórica:

Ao longo desses anos, o Colégio de Aplicação vem desenvolvendo novas propostas pedagógicas, sendo pioneiro, no trabalho com classes experimentais, conselho de classe, conselho de classe participativo, professores especialistas nas disciplinas de Educação Física, Música e Línguas Estrangeiras nas séries iniciais, ensino por níveis de Língua Inglesa e também o oferecimento de Espanhol, Francês e Alemão como partes integrantes do currículo, implantação de laboratórios de ensino, desenvolvendo estudos especiais e atendimento às diferenças individuais, tendo em vista a recuperação e aceleração do ensino, opção por modalidades esportivas, projeto interdisciplinar em 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, oferecimento de Artes, Teatro e Música em todas as séries da educação básica e outros projetos de pesquisa e extensão. Além disso, é também responsável pela formação inicial (estágios) e continuada de professores. O Colégio constitui-se em um centro de investigação educacional que atende objetivos de um saber reflexivo consonante com as necessidades da sociedade em que está inserido. (<http://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/sobre/um-pouco-da-historia-do-colegio-de-aplicacao-da-ufrgs>)

A turma de terceiro ano enfocada neste trabalho tinha 26 alunos, 12 meninas e 14 meninos, com idades entre 7 e 10 anos, oriundos de diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. Parte da turma residia na cidade de Porto Alegre e parte no município vizinho de Viamão. A maioria dos estudantes já eram colegas oriundos do 2º ano. O ingresso de 6 alunos novos no ano de 2013 constituiu-se elemento importante de intervenção do trabalho dos professores com a turma, uma vez que 4 deles apresentavam questões de socialização e aprendizagem, que dificultavam sua integração ao grupo já formado.

Os projetos de ensino e atividades pedagógicas desenvolvidos com referido 3º ano durante todo o ano letivo foram atravessados intensa e continuamente pela necessidade de trabalhar questões de *socialização*. Não só pelo fato do ingresso dos alunos novos, mas também pela dificuldade expressa por vários alunos da turma em relação a conviver com as diferenças presentes nos modos de ser e agir de cada criança.

A heterogeneidade da turma em termos de habilidades e competências observadas é outro elemento que merece destaque, tendo em vista que exigiu um

trabalho diferenciado e individualizado para que todos pudessem avançar em suas capacidades. Assim, apenas o oferecimento do Laboratório de ensino⁵, não deu conta de atender estas demandas, sendo necessário, por vezes, o envio de tarefas adicionais, específicas e individuais na tentativa de atender às questões particulares na aprendizagem de um grupo significativo de alunos. Mesmo com estas iniciativas, sentiu-se a necessidade de um trabalho mais específico para atender algumas demandas. Assim, optou-se pela realização da oficina, ministrada de forma interdisciplinar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista as características da turma atendida, surge uma questão: por que alguns conseguiram aprender determinados conteúdos escolares no processo de escolarização e outros não? Isso se explica por ser a aprendizagem escolar apenas uma face da aprendizagem humana. Aprender implica o sujeito em sua integralidade, mobilizando com isso toda uma trama complexa onde estão em jogo a relação do sujeito com o mundo objetivo e toda a sua subjetividade e o vínculo entre aprendente e ensinante.

Sara Paín (1996, p. 15) postula que nos tornamos humanos à medida que aprendemos, ou seja, desde antes do nascimento somos depositários de desejos e fantasias e, após o nascimento, com o tempo, vamos sendo inseridos na cultura humana através de nossas aprendizagens e da relação com os objetos de conhecimento, e, por outro lado, vamos construindo nossa singularidade, nossa subjetividade. Ou seja, toda nossa matriz de aprendizagem vem se constituindo a partir das experiências vividas e dos vínculos estabelecidos com os objetos de conhecimento e com os sujeitos significativos que foram sendo inseridos na vida de cada sujeito. A escola, por sua vez, entra nesse jogo, buscando oportunizar o conhecimento escolar a todos e servindo ora como ensinante, ora como aprendente. Paín (1996, p. 16-18) destaca que a escola, ao se propor a conceber a aprendizagem para além da transmissão de conteúdos, deve rever suas didáticas de modo a promover sujeitos mais capazes e seguros à medida que dominam e se apropriam do conhecimento. Para tal tarefa é de fundamental importância que o sujeito perceba-se na escola e frente a aprendizagem escolar como autor de seu pensamento, enquanto sujeito ativo no processo de aprendizagem, especialmente quando tratamos com crianças que apresentam alguma defasagem em seu processo de escolarização.

Por tais razões, foi escolhido o modelo de *oficinas* neste trabalho, como um espaço onde, através da ludicidade, a criança pudesse atuar de forma a empreender uma ressignificação prazerosa da aprendizagem escolar, colocando em jogo o seu organismo – dimensão biológica – constituído simbolicamente, sua inteligência e, especialmente, seu desejo de entregar-se ao conhecimento (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47). Como propõe Alícia Fernández (1991, p. 48), a “aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal” e para que possamos dar conta de “fraturas no aprender, necessitamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências)” e não só aos resultados ou rendimentos.

Os aspectos de linguagem foram enfocados nas oficinas dentro deste panorama que leva em conta os *processos* de aprendizagem, buscando tornar os fatos da língua

⁵ Atividades realizadas no turno inverso, com grupo de alunos que apresentam questões específicas de aprendizagens que caracterizem certa defasagem em relação à turma.

significativos e também os explicitando ao grupo, dentro da característica de ludicidade das oficinas.

Os estudos de aquisição de linguagem nos apontam sobre o momento em que as trocas, tanto da linguagem oral quanto da escrita, devem estar sendo superadas no processo de desenvolvimento infantil típico. Miranda e Matzenauer (2010) destacam que, a partir da análise da escrita inicial infantil, observa-se que determinados segmentos e estruturas silábicas são mais suscetíveis de serem grafados de forma incorreta, muitas vezes por sua estrutura mais complexa. Segmentos que se diferenciam dos demais unicamente por uma característica, como é o caso dos pares /p/-/b/, /t/-/d/, /f/-/v/, nos quais apenas a vibração das pregas vocais é responsável pela diferença entre eles, são um dos exemplos citados quando se leva em conta a aprendizagem de um sistema de escrita alfabético. Zorzi (2008) aponta que as trocas de fonemas surdo-sonoros na escrita são encontradas em menor número entre os escolares quando comparadas a trocas por representações múltiplas ou por apoio da escrita na oralidade. Porém, quando ocorrem de forma sistemática, isto se dá de forma significativa, muitas vezes atrelada inclusive a uma inconsistência articulatória na produção da sonoridade, que pode ser verificada em análises espectrográficas da fala. Em virtude disso, são aspectos que merecem especial atenção no processo escolar, na maioria das vezes necessitando resgatarem-se as relações entre oralidade e escrita para sua superação. A leitura e a escrita, ao contrário da fala, não são habilidades inatas do ser humano, que se desenvolvem espontaneamente, na sua interação social. Ao contrário, estas necessitam ser aprendidas por meio de atividades de ensino sistemáticas e intencionais sobre o funcionamento do código convencional da língua escrita (MALUF, 2010).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A oficina objetivou, prioritariamente, o resgate das relações orais com a representação escrita, através de sensibilização sobre as diferenças entre os fonemas surdo-sonoros, confundidos pelas crianças do grupo na sua escrita. A proposta possui um caráter lúdico, buscando a transferência do que foi vivenciado nas atividades para as aprendizagens escolares.

Os encontros foram mediados pela fonoaudióloga, pela extensionista em Fonoaudiologia e pela psicopedagoga da escola. No total foram 12 encontros, cada um com cerca de 1 hora de duração, iniciando após o intervalo, com o retorno das crianças à sala de aula ainda no final da manhã.

Os alunos foram convidados a participarem da oficina, em outra sala destinada para este fim, enquanto a professora seguia em sala de aula com os demais e realizava, preferencialmente, atividades de retomada de conteúdos escolares. Ela mantinha a conexão com o trabalho das oficinas e da sala de aula, reservando um mural para registro de atividades realizadas pelo grupo da oficina, e resgatando com eles o que fora feito na oficina. A proposta era de que os alunos trariam para a sala de aula, ao final dos encontros, atividades realizadas que escolhessem como significativas e divertidas para fazerem com seus colegas, coordenando este momento junto a seus pares e lhes ensinando o que aprenderam. O contato com a professora era frequente, a fim de acompanharem-se os progressos/notícias do grupo em sala de aula.

Os alunos aguardavam o momento da oficina e se frustravam quando por um acaso não podia ser realizada no dia estipulado, por qualquer outra atividade de turma que se impusesse (saída de campo, palestra com um terceiro, entre outras).

Iniciou-se com 8 alunos na oficina, sendo destes 5 meninos e 3 meninas, e, mais adiante, mais uma aluna foi incorporada e bem recebida pelo grupo para participar da proposta. Dentre os participantes, 6 realizavam trocas surda-sonora, exclusivamente na escrita, sendo que dois deles tinham bom desempenho escolar de forma geral. Os demais participantes também possuíam outras dificuldades em seu processo de escolarização, como: lentidão na execução de atividades, desatenção – característica comum entre eles, desorganização geral, resistência a escrever, dificuldades de decodificação e de fluência na leitura, confusões excessivas entre oralidade e escrita, problemas comportamentais. Em função destas características do grupo, a proposta foi além do objetivo da distinção entre fonemas e grafemas que se distinguem pelo traço surdo-sonoro. A preocupação com a ressignificação da aprendizagem, em ter-se um espaço diferente para poderem expor suas habilidades e dificuldades, a fim de superá-las, foram aspectos também levados em conta no trabalho em grupo.

As atividades propostas iniciaram pelo nome da oficina: *Qual é o som?* – explorou-se o significado das diferentes dimensões de som e características físicas dos sons do jogo de memória proposto (intensidade, frequência, qualidade). A partir daí, progressivamente, foram-se destacando os sons verbais, em sua produção fonética, e, principalmente, na percepção da distinção dos traços que os compunham, enfatizando os surdo-sonoros, e, gradativamente, as relações entre fonemas e grafemas. Destacamos as atividades realizadas, como segue abaixo:

- jogo de memória sonora (feitos com caixinhas de pastilhas forradas com fita adesiva, em que interiormente eram colocados, aos pares, areia, papel, água, entre outros elementos que, sacudidos, geravam um som característico, que era comparado com os demais);
- análise de como são realizados alguns sons da fala (/r/, /l/, /t/, /m/, /f/, /v/) – com uso de gelatina em pó nos pontos de contato da língua e uso de espelho para verificarem como se dava a sua produção;
- distinção das diferenças entre /f/ e /v/, com reconhecimento auditivo destes fonemas em palavras e em pseudopalavras, num jogo de escuta (alguém falava a palavra de costas para o grupo, em roda, e este precisava identificar qual era o fonema, que podia estar no início ou dentro da palavra);
- jogo “palavra puxa palavra”, com a busca de vocábulos a partir do som inicial /f/, /v/, /k/ e /g/, /p/ e /b/, /m/, /n/ - em ordem, na roda dos integrantes da oficina, buscavam-se palavras da língua que iniciassem com o fonema proposto, não podendo-se repetir as palavras já ditas, o que gerava atenção; as palavras eram anotadas e no final se contabilizava quantas eram ditas nas diversas rodadas; quando havia demora por parte de alguém contava-se de 5 até 0 com os dedos da mão, e, esgotado o tempo, “zerava-se” o resultado daquela pessoa naquela rodada; ao final, via-se quantos pontos somaram e quantos os alcançaram, ressaltando-se que todos poderiam atingir, em algum momento, pontuação máxima, e a torcida era para isso, para que todos alcançassem a pontuação máxima, pois isto trazia um maior número de palavras geral;
- brincadeira do “som surpresa”, em que cada um tinha que achar uma palavra pelo som inicial fornecido na hora – brincadeira proposta por um dos alunos;

- Zip-zap-zop - brincadeira com todos em roda e a cada comando (zip, zap, zop) havia uma instrução: zip – olhar para a direita e dizer o nome do colega; zap – olhar para a esquerda e dizer o nome do colega; zop – dizer o próprio nome; zip zap zop - muda de lugar.
- sistematização da correspondência destes sons na escrita (correspondências fonemas-grafemas) através de atividades com palavras, frases e textos, como jogo de “forca”, criação de “frases malucas” em grupo (com o máximo possível de palavras com determinado fonema), jogo de stop, entre outras. Os redatores variavam e todos colaboravam, monitorados pelas ministrantes.

AValiação dos Resultados

Os benefícios gerados por este trabalho em grupo superaram as expectativas das ministrantes, pois foram observados importantes movimentos dos integrantes com relação ao seu papel no grupo, marcados muito especialmente por acontecimentos no último dia de trabalho, quando da organização da atividade para os colegas em sala de aula. Uma das meninas, para a qual a leitura costumava ser uma atividade difícil e desafiadora, pediu para ler seu livro de parlendas, que havia retirado da biblioteca (Salada, Saladinha), e leu um dos textos, fluentemente, com o grupo atento a escutando. Sua colega pediu para ler trechos do livro que tinha também (foi buscá-lo na sala de aula), e a outra a auxiliava, indicando pontos de leitura do mesmo o que indica uma movimentação na subjetividade das mesmas de modo a realizar uma aproximação prazerosa com um objeto de aprendizagem antes temido e evitado.

Um dos integrantes, dos mais tímidos e que raramente participava verbalmente em sala de aula, pediu para apresentar seu amigo “Fred”, uma caixinha de chicletes com uma carinha. Ficou em pé na frente do grupo e apresentou o seu amigo, criando sua história – o que faz, de que gosta,... Permitiu, inclusive, ser filmado, e olhou firmemente para os colegas, o que nos demonstra uma nova postura perante o grupo e a si mesmo, percebendo-se e autorizando-se a ser autor de seu pensamento e de sua produção de conhecimento.

Um menino altamente resistente a escrever, que já havia mudado de escola a cada ano do Ensino Fundamental, por problemas comportamentais, ingressante naquele ano no Colégio de Aplicação, comentou com a professora que pela primeira vez na vida tinha registros em seu caderno de aula, relatando que havia descoberto que escrever era bom. Este mesmo aluno teve um papel muito importante durante as atividades propostas, sendo quem ajudava aos demais por muitas vezes, pois ali mostrava grande habilidade verbal nas brincadeiras feitas e era reconhecido por isso. Chegou a criar jogos e sugestões de brincadeiras, que, quando possível, foram colocadas em prática. Sua escrita espontânea finalmente surgiu, e ele conseguiu avançar nesse desafio pedagógico autorizando-se a, enfim, ingressar no processo de escolarização.

Algumas observações pontuais sobre os resultados da oficina *Qual é o Som?*:

- Os alunos puderam pensar sobre a realização dos sons, percebendo a diferenciação entre os mesmos. Descobriram que o /f/ e /k/ são mais fracos e que não vibram o pescoço, enquanto /v/ e /g/, respectivamente, são mais fortes por fazerem tremer a garganta.

- Alguns alunos, ao final, já conseguiram diferenciar estes sons dentro das palavras oralmente e na leitura e escrita, com seus grafemas correspondentes. Outros estavam pelo menos em processo de reflexão quanto ao uso dos mesmos (e de outros grafemas também), questionando-se no momento da escrita, e propondo-se a perguntar – tarefa antes evitada.
- Percebeu-se um benefício significativo quanto à sustentação do nível de atenção de todos os alunos.
- Os alunos estão pensando a respeito dos significados da linguagem, diferenciados por fonemas, fazendo brincadeiras com pequenas substituições e com semelhanças de palavras.
- As brincadeiras de buscar palavras por fonemas foram sendo progressivamente dominadas pelo grupo todo, mostrando evolução do acesso lexical via fonológica.
- Durante as brincadeiras, descobriram as famílias de palavras, o que auxilia a desenvolver a consciência morfológica, tão significativa para o desenvolvimento da fluência na leitura e na escrita.
- Observou-se que os alunos passaram a questionar com crescente autonomia as relações entre som e grafia trabalhadas na oficina, em suas escritas espontâneas, trazendo contribuições importantes para todos os demais alunos que não participaram da oficina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta oficina proporcionou trocas de conhecimentos e aprendizagens entre todos os participantes, ensinantes e aprendentes. Com a interdisciplinaridade em ação e o formato de atividade de oficina, possibilitou-se o resgate para que as crianças se vinculassem na aventura que é aprender, que tem seus altos e baixos, mas onde todos saem com algo mais, constituindo a si e ao outro no processo de aprendizagem, aspecto que ficou bastante claro quando se observaram mudanças até mesmo no tom de voz e no semblante das crianças envolvidas. A experiência realizada mostrou que realmente vale apostar na criança, independente de sua história pregressa, fornecendo-lhe recursos de aprendizagem que alimentem sua capacidade de aprender e reforcem sua vinculação com a escolarização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

_____. *Os Idiomas do Aprendente: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *O Saber em Jogo: A Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MALUF, Maria Regina. Do conhecimento implícito à consciência metalinguística indispensável na alfabetização. In: GUIMARÃES, S. R. K.; MALUF, M. R. (Eds.), *Aprendizagem da linguagem escrita: contribuições da pesquisa*. São Paulo: Vetor, 2010.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Aquisição da Fala e da Escrita: relações com a Fonologia. *Cadernos de Educação*, Pelotas (35), 359-405, janeiro/abril 2010.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *Subjetividade e Objetividade: Relações entre Desejo e conhecimento*. São Paulo: CEVEC Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz, 1996.

ZORZI, Jaime. *As trocas surdas sonoras no contexto das alterações ortográficas*. 2008. Disponível:

<http://www.filologia.org.br/soletras/15sup/As%20trocas%20surdas%20sonoras%20no%20contexto%20das%20altera%C3%A7%C3%B5es%20ortogr%C3%A1ficas.pdf> - acesso em maio/2013.